

O DIÁLOGO ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA A PARTIR DO THAUMÁZEIN

*José Mozart Tanajura Júnior**

*Márcio Roberto Soares Dias***

RESUMO: A possibilidade de um diálogo entre Filosofia e Literatura se dá consideravelmente na linguagem. Filosofia e literatura se abrem numa perspectiva direcionada ao leitor crítico-reflexivo em busca do desvelamento da verdade proporcionado por ambas. Dessa forma, o *thaumázein* (espantar-se, admirar-se) surge como ponte que liga as duas áreas do conhecimento humano, separadas, como bem frisou Heidegger (1989), por um abismo, mas que amplamente se olham frente a frente, numa visão de interpretação do ser no mundo. As origens tanto da Filosofia como da Literatura marcam essa dialogicidade. É que as duas surgem do espanto, da admiração, fontes de encantamento com o espetáculo dos entes que se apresentam aos nossos olhos. Os caminhos que se cruzam entre Filosofia e Literatura levam a rumos distintos, porém bem idênticos e propícios ao encontro. O poeta e o filósofo, amantes da linguagem, trilham pelos mesmos caminhos do desconhecido mundo dos fenômenos a serem desvelados pelo ser.

Palavras-chave: Filosofia; Hermenêutica; Linguagem; Literatura; *Thaumázein*.

A possibilidade de um diálogo entre a Filosofia e a Literatura torna viável a releitura da compreensão da existência do homem no mundo a partir da linguagem. Tendo sido edificada na Grécia antiga, a Filosofia, no período compreendido entre os séculos VII e VI a.C., em torno da procura da *arché*, princípio fundamental da origem das coisas, evidenciou em sua essência a busca pela verdade. Uma busca marcada pela sede

* Mestrando em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Professor Substituto do Instituto Federal da Bahia (Ifba).

** Doutor em Letras pela Universidade Federal da Bahia (Ufba). Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

de conhecimento acerca dos fenômenos mais recônditos a serem compreendidos no mundo. Havia, de início, uma natural confluência entre filosofia e literatura, ou mais especificamente entre filosofia e poesia, ambas apareceriam intimamente unidas desde suas origens, conforme as narrativas míticas nos poemas homéricos, ultrapassando tempos e épocas, desembocando-se na contemporaneidade. Muitos postulados filosóficos influenciaram épocas e continuam a dar certa contribuição em diversas áreas do saber. Sobretudo os ensinamentos de Platão e Aristóteles que marcam consideravelmente a problemática em questão. Platão, em sua obra *A República*, havia condenado os poetas, por estes serem meros copiadores de uma realidade aparente. Assim, para Platão, a poesia, enquanto expressão da Literatura, seria apenas uma cópia da cópia de um mundo sensível aparente que era sombra do mundo inteligível, o mundo das ideias, mundo em que se encontra a verdade. Aristóteles, por sua vez, infere que a poesia é bem mais real do que a própria história. Assim, as divergências quanto ao valor da poesia, e, conseqüentemente, da literatura, efervesciam no mundo antigo. Como se vê, nem sempre foi harmoniosa essa convivência entre Filosofia e Literatura. Porém, no efervescer da modernidade, a partir de Nietzsche, retomou-se o diálogo principalmente como busca por um objetivo comum: a verdade mediante o uso da linguagem. Gerd A. Borheim assim discorre acerca do diálogo Filosofia e Literatura:

Recentemente, as coisas passaram a modificar-se. Surge um Nietzsche, o pensador-poeta, e que precisamente por sê-lo sofreu um processo de marginalização até há poucos anos. É bem verdade que Nietzsche continua sendo uma exceção, já que os filósofos não voltaram a ser poetas. O que se constata, entretanto, é uma modificação no clima das relações entre a Filosofia, a poesia e a Literatura de modo geral. Não penso aqui no fato de que Gabriel Marcel e Sartre fazem Literatura – isso ainda pertence ao domínio das exceções e não constitui um desiderato generalizável. Tampouco quero referir-me à proximidade que medrou entre Filosofia e Literatura em decorrência daquele modo cru e inquietante de apresentar a condição humana, característico dos diversos existencialismos e boa parte da Literatura produzida durante alguns lustros. Sem dúvida, evidenciou-se então uma espécie de terreno comum aos dois campos e que já não pode ser esquecido (BORHEIM, 2001, p. 62).

1. Em busca de conceitos

Antes de construirmos uma ponte que nos permita percorrer um itinerário comum entre Literatura e Filosofia – em nosso caso a partir do *thaumázēin* (espanto, admiração) –, façamos um breve itinerário das origens conceituais de Filosofia e Literatura.

O termo filosofia é originário do grego, quer dizer literalmente “amigo da sabedoria”, pois *philos* traduz-se por amigo, enquanto que *sophias*, por sabedoria (MONDIM, 1983). Podemos assim dizer com Marilena Chauí que o vocábulo filosofia, composto por filo (o qual provém de *philia* que quer dizer amizade) e *sophia* (sabedoria), em termos mais concisos, significa “amizade pela sabedoria” (CHAUÍ, 1995, p. 15). O termo filosofia foi utilizado inicialmente por Pitágoras:

De acordo com Cícero, foi Pitágoras o criador do vocábulo: “Filosofia”. Quando o príncipe Leonte, comenta ele, perguntou a Pitágoras em que arte era versado, respondeu-lhe que em nenhuma. Era um filósofo, isto é, um estudioso e amigo da sabedoria: filo-sofós (TELES, 1986, p. 14).

Outra origem do termo, menos discutida entre os críticos, refere-se ao episódio relatado por Heródoto em que se encontra o uso do verbo filosofar.

A primeira vez que esta palavra aparece é sob a forma verbal – filosofar, em Heródoto (485-425? a.C.) com o significado de “esforçar-se por adquirir novos conhecimentos”. Conta o historiador grego que Creso, rei da Lídia, comentou para Sólon, o legislador ateniense: “ouvi dizer que viajaste por muitas terras como que filosofando, isto é, como que buscando adquirir novos conhecimentos” (TELES, 1986, p. 14).

No entanto, para Heidegger (1989, p. 16), a palavra *philosophos* precede a palavra *philosophía*, a qual foi “presumivelmente criada por Heráclito. Isto quer dizer que para Heráclito ainda não existia a *philosophía*”.

Na obra *Metafísica*, Livro A, o filósofo Aristóteles, discorre sobre o sentido do termo *Sophia*. Para ele “a sapiência [*Sophia*] é uma ciência acerca de certos princípios e

certas causas” (ARISTÓTELES, 2002, p. 982). Com efeito, a sabedoria filosófica se encarrega de todas as coisas, tratando-as a partir do ponto de vista de sua universalidade; é um saber pelo saber; saber pelas causas, abastecido pela razão e crítica reflexiva. Afirma coerentemente Maura Iglesias:

Ora, uma das belezas que nos revela a análise etimológica da palavra filosofia é a modéstia com que o filósofo se apresenta: ele não é um sábio, ele é “amante da sabedoria” [...] o filósofo torna-se amante do próprio espanto, que é a experiência que o joga na atividade da busca do saber, que é o objeto do seu amor. O filósofo é alguém que sabe manter viva a capacidade de se espantar [...] Filosofia é ‘saber de todas as coisas e é saber crítico. Nem ela própria pode escapar ao seu questionamento e à sua crítica. (IGLESIAS, 2001, p. 17)

Battista Mondim nos apresenta uma relação de filósofos que, ao longo de seu percurso de tentativa de conceituação do termo, veem na filosofia um conhecimento ou estudo relacionado ao uso da razão e a busca pelo saber.

A filosofia é um conhecimento, uma forma de saber que, como tal, tem uma esfera própria de competência, a respeito da qual procura adquirir informações válidas, precisas e ordenadas (...) no dizer dos filósofos, ela estuda todas as coisas. Aristóteles, que foi o primeiro a fazer uma pesquisa rigorosa e sistemática em torno desta disciplina, diz que a filosofia estuda “as causas últimas de todas as coisas”; Descartes afirma que a filosofia “ensina a raciocinar *thaumázēin*”; Hegel entende-a como “o saber absoluto”; para Whitehead, o papel da filosofia é o de “fornecer uma explicação orgânica do universo (MONDIM, 1983, p. 7).

Vale lembrar que o francês René Descartes faz uso da palavra filosofia de forma ampla, significando o estudo da sabedoria, o qual se torna um conhecimento perfeito e pleno de tudo o que o homem pode saber, seja relativo à sua vida, à saúde ou à invenção das artes (RUSS, 1994).

Na Modernidade, Kant aponta a filosofia como a ciência que unifica todos os fins particulares no fim último da razão: “A filosofia [...] é [...] a ciência da relação de todo conhecimento e de todo uso da razão com o fim último da razão humana, fim ao qual,

enquanto supremo, todos os outros fins se subordinam e no qual devem todos unificarem-se” (RUSS, 1994, p. 114). Schopenhauer, por seu turno, enfatiza o espanto como experiência originária do filosofar: “A filosofia nasce de nosso espanto acerca do mundo e de nossa própria existência, que se impõem ao nosso intelecto como um enigma, cuja solução não cessa, desde então, de preocupar a humanidade. A filosofia é, essencialmente, a ciência do mundo” (RUSS, 1994, p. 114).

Em *Que é isto – a filosofia?*, Heidegger perscruta o significado da palavra movido por uma reconstrução de um caminho em que o diálogo é conduzido, encaminhando-se no âmbito da própria filosofia, sem deixá-la isoladamente. Para ele, a filosofia vai além da tarefa da razão. A filosofia requer escuta em sua origem. É caminho por excelência! Nessa busca conceitual o filósofo assegura:

Se, porém, agora não mais empregarmos a palavra “filosofia” em sua origem, então, ela soa *philosophía*. A palavra “filosofia” fala agora através do grego. A palavra grega é, enquanto palavra grega, um caminho. De um lado, esse caminho se estende diante de nós, pois a palavra já foi proferida há muito tempo. De outro lado, ele já se estende atrás de nós, pois ouvimos e pronunciamos esta palavra desde os primórdios de nossa civilização. Desta maneira, a palavra grega *philosophía* é um caminho sobre o qual estamos a caminho (HEIDEGGER, 1989, p. 14).

Heidegger encontra o seu caminho no percurso histórico, “ouvindo” a palavra em constante diálogo com o pensamento grego antigo: “Se estivermos verdadeiramente atentos à palavra e meditarmos o que ouvimos, o nome “filosofia” nos convoca para penetrarmos na história da origem grega da filosofia. A palavra *philosophía* está, de certa maneira, na certidão de nascimento de nossa própria história” (HEIDEGGER, 1989, p. 15). Portanto, visualizamos uma tentativa de conceituação amparada na categoria historical, uma busca que se postula na existência ocidental-européia tendo em vista a compreensão do ser no mundo. Nesse itinerário, vislumbramos a afirmação heideggeriana que a filosofia caminha em direção ao ser do ente: “a filosofia é uma

espécie de competência capaz de perscrutar o ente, a saber, sob o ponto de vista do que ele é, enquanto é ente” (HEIDEGGER, 1989, p. 18).

De fato, é mediante uma tomada de posição frente às questões do conhecimento, do pensamento e de se interpretar o ser e o estar-no-mundo do homem que a filosofia se debruça. O homem é, por natureza, um ser pensante, capaz de transformar a realidade que o cerca mediante a razão e a sua potencialidade crítico-reflexiva. Utilizar-se da Filosofia para reler e re-interpretar o real é re-afirmar e re-inventar a existência-humano-mundo.

Por outro lado, em nossa investigação sobre a Literatura, não muito diferente da Filosofia, encontramos diversos pensamentos na construção de conceitos em torno do que é literatura. Há, contudo, uma certa confluência em se afirmar o modo como os literatos convivem e tratam a palavra multissignificada como essencial ao fenômeno da criação literária. Assim como a Filosofia, a Literatura não pode ser definida rigorosamente, mas possíveis conceitos poderão ser elencados tendo em vista a repleta expressividade linguística e reflexiva da criação artística, imbuída na infinitude do imaginário e da criatividade do ser. Há de se considerar, nesse caso, os caracteres de universalidade e de plurissignificação precípuos à arte literária.

Torna-se essencial inferir acerca da distinção entre um texto literário e texto não literário, antes mesmo de se elucidar as possíveis conceituações do que seja literatura. O que se pretende evidenciar, neste caso, é o uso da linguagem relativa ao seu poder criador na escrita.

Um critério bastante utilizado para se estabelecer a distinção entre o aspecto utilitário e informativo da linguagem e o aspecto literário e re-criador da linguagem reside na disposição das palavras nas sentenças sintagmáticas das orações ou períodos. Num texto não literário as palavras aparecem, via de regra, em seu sentido tecnizado, ou seja, não há jogo de palavras, nem trabalho artístico dos vocábulos, nem disposição estética original e criativa. O texto não literário é puramente referencial em sua essência. Por outro lado, quando o uso da linguagem se vale da multissignificação expressiva, da

esteticidade e da re-criação artística do real, tem-se a efervescência de um texto literário. É o que acontece com o uso da linguagem para se elaborar um romance, um conto, uma fábula, uma crônica, um poema e outros gêneros e formas literárias, as quais são recheadas de plurissignificação semântica. Nesta perspectiva, a função poética da linguagem é imperiosa ao observar coerentemente o que é literário e o que não o é. De fato, o texto literário é a representação concreta da riqueza da linguagem artística.

No tocante à multissignificação do texto literário, a bem dizer, os inúmeros significados florescidos na escrita e interpretação do texto são fruto do uso das figuras e tropos de linguagem, sobretudo a metáfora e a metonímia. Assim, o texto literário faz uso conotativo da linguagem, cujos sentidos ultrapassam e transcendem o lugar-comum, sem limitações e restrições linguísticas.

No dizer de Burgees:

Há duas maneiras de usar palavras: uma artística, outra não artística. Isso significa que as próprias palavras podem ser vistas de duas maneiras diferentes. Há, de fato, o significado que uma palavra tem no dicionário (que é chamado de significado léxico ou denotação) e a associação que a palavra adquire através do uso constante (as conotações da palavra). (...) O escritor de um livro científico, os criadores de uma nova constituição para um país – esses não desejam dirigir-se às emoções do leitor, mas apenas a seu cérebro, à sua compreensão. Não estão escrevendo literatura. O escritor de literatura está muito mais preocupado com as conotações, as maneiras pelas quais ele pode fazer com que suas palavras nos comovam ou excitem, as maneiras pelas quais pode sugerir cor ou movimento ou caráter. O poeta, cujo trabalho é tido como aquele que representa a mais alta forma de literatura, está sobretudo preocupado com as conotações das palavras (BURGEES apud MAIA, 1999, p.13-14).

Para René Wellek e Austin Warren, estudiosos destacáveis no âmbito da teoria literária, a noção de linguagem conotativa e denotativa estabelece bases necessárias à distinção entre um texto considerado literário e um não literário. É mister salientar a abordagem construída por René Wellek e Austin Warren. Ressaltam os estudiosos que a linguagem literária é carregada de sentimento, rica em ambigüidades e homônimos, bem

como repleta de categorias arbitrárias ou irracionais como gênero gramatical, permeada de acidentes históricos por recordações e associações.

Numa palavra: é uma linguagem altamente conotativa. Acresce que a linguagem literária está longe de ser apenas referencial: tem o seu lado expressivo, comunica o tom e atitude do orador ou do escritor. E não se limita, tão pouco, a afirmar e a exprimir o que diz; quer ainda influenciar a atitude do leitor, persuadi-lo e, em última instância, modificá-lo. Existe uma outra diferença importante entre a linguagem literária e a científica: na primeira, o próprio signo, o simbolismo sonoro da palavra, é acentuado(...) a linguagem literária está muito mais profundamente ligada à estrutura histórica da linguagem; acentua o grau de consciente realce do próprio signo; possui um lado expressivo e pragmático, que a linguagem científica, inversamente, procurará sempre minimizar tanto quanto possível. (WELLEK; WARREN, 1995, p. 28-29)

Exploram-se consideravelmente os recursos da linguagem na literatura de forma deliberada e sistematizada. É justamente no aspecto da referência que se pode notar mais precisamente a essência da Literatura. O âmago da Literatura deve ser buscado nos tradicionais gêneros: lírico, dramático e épico. Os estudiosos supracitados afirmam que nos gêneros há um relacionar com um mundo de ficção, de imaginação. Assim, a arte literária não pode ser vista como simplesmente um objeto, mas deve ser vislumbrada pela organicidade complexa de aspecto estratificado com variados significados e relações (WELLEK; WARREN, 1995).

Após a distinção elaborada entre texto literário e texto não literário, tem-se a base necessária para se discutir o conceito de Literatura, inicialmente, analisada a sua origem etimológica.

O vocábulo “literatura” (do latim “*Litteratura*”) surge a partir do termo *littera, ae* e possui ampla abrangência, significando o ensino das primeiras letras, o ensino primário, da escrita, das letras. Para Manuel Antônio de Castro, o termo “Literatura” vem mesmo do vocábulo latino “*littera*” conforme fora apresentado, correspondendo à palavra grega *γραμμαση*, a qual quer dizer a arte que concerne às letras, ou mais restritamente, à arte

de escrever e ler (cf.: CASTRO, 2000). É de bom alvitre frisar que o sentido desta palavra foi alvo de suscetíveis mudanças semânticas em todo o percurso da História, devido às complexas transformações sócio-histórico-culturais. No início da civilização ocidental, o vocábulo estava correlacionado ao texto escrito. Considerava-se literatura como um conjunto de obras escritas, confundindo-se com a própria história da cultura. A restrição do conceito de Literatura ocorreu inicialmente na segunda metade do Século XVIII, quando o termo referido passou a designar especificamente um conjunto de obras literárias (CASTRO, 2000). Dessa forma, criou-se um problema para a conceituação precisa do termo desde a Antiguidade Clássica com Aristóteles até os dias atuais. Massaud Moisés discorre:

Desde a Antiguidade Clássica, com Aristóteles e mesmo com Platão, o problema do conceito da Literatura estêve (sic) presente(...) De Aristóteles até esta parte o problema não cessou de interessar a uma legião de pensadores, estetas e críticos. Horácio, Plotino, Cícero, Longinus, Quintiliano, Escalígero, Castelvetro, Boileau, Vico, Baumgarten, Kant, Hegel, De Sanctis, Taine, Guyau, Bergson, Croce, Sartre, Fidelino Figueiredo.(MOISÉS, 1967, p. 17).

Feita esta breve análise etimológica do termo em questão, pode-se tentar buscar conceitos para a arte literária. Pound afirma que “Literatura é linguagem carregada de significado[...] é novidade que PERMANECE novidade” (POUND, 1999, p. 32-33). Todorov (1979, p. 53) discute: “meu propósito pode ser resumido por esta frase de Valéry, frase que tentarei ao mesmo tempo explicitar e ilustrar: “A literatura é, e não pode ser outra coisa, senão uma espécie de extensão e de aplicação de certas propriedades da linguagem”. Já Massaud Moisés (1967, p. 22) argumenta que “A Literatura é um tipo de conhecimento expresso por palavras de sentido polivalente (...) é a expressão dos conteúdos da ficção, ou da imaginação, por meio de palavras de sentido múltiplo e pessoal”. Por fim, argui Figueiredo: “Arte literária é, verdadeiramente, a ficção, a criação duma supra-realidade com os dados profundos, singulares e pessoais da intuição do artista” (MOISÉS, 1967, p. 22).

É possível enumerar uma variedade complexa de conceitos de Literatura, no entanto, seriam insuficientes para defini-la com exatidão, pois os conceitos de Literatura estão intimamente unidos ao mundo subjetivo da linguagem artística de cada literato e à relação intrínseca entre ficção e realidade. Outrossim, a concepção aristotélica (ARISTÓTELES, 1966) acerca da arte poética, em que o estagirita afirma ser a imitação do real, entendendo que tal arte torna-se até mesmo mais real que a própria realidade, deve fundamentar as possíveis conceituações de Literatura. Deve-se considerar como aspecto consensual, entre muitos teóricos e críticos, a linguagem, enquanto instrumento material e sua manifestação artística. De fato, a Literatura é a re-criação da realidade circundante mediante o uso estético da linguagem, pela qual o homem-escritor anuncia a possibilidade de uma nova realidade.

2. Filosofia e Literatura, a dialogenicidade a partir do *thaumázein*

Ao tratar do problema da conceituação do termo filosofia, Heidegger caracteriza a origem do filosofar como uma disposição, enquanto convocação da palavra por um apelo em escutar o sentido dos entes, refazendo o seu caminhar historial mediante o que levou os grandes filósofos a percorrerem a estrada do filosofar. Encontrou em Platão e Aristóteles essa disposição por intermédio do ato de espantar-se, admirar-se pelas coisas, o que em grego é *thaumázein* (HEIDEGGER, 1989).

De fato, Platão aborda em *Teeteto* a questão da origem do pensar filosófico, discorrendo sobre o que os gregos denominaram *Thauma* (espanto, admiração): “É absolutamente de um filósofo esse sentimento: espantar-se. A filosofia não tem outra origem” (PLATÃO, 2001, p. 32). O *thaumázein* (espanto) é a arché do pensar filosoficamente. Nessa mesma linha de raciocínio, assim como Platão, Aristóteles discorre que o incompreensível, a inquietude, a origem das coisas, enfim, o mistério que vela o saber pleno atija a capacidade de se admirar com o mundo.

De fato, os homens começaram a filosofar, agora como na origem, por causa da admiração, na medida em que, inicialmente, ficavam perplexos diante das dificuldades mais simples; em seguida,

progredindo pouco a pouco, chegaram a enfrentar problemas sempre maiores, por exemplo, os problemas relativos aos fenômenos da lua e aos do sol e dos astros, ou os problemas relativos à geração de todo o universo. Ora, quem experimenta uma sensação de dúvida e de admiração reconhece que não sabe; e é por isso que também aquele que ama o mito é, de certo modo, filósofo: o mito, com efeito, é constituído por um conjunto de coisas admiráveis. De modo que, se os homens filosofaram para libertar-se da ignorância, é evidente que buscavam o conhecimento unicamente em vista do saber e não por alguma utilidade prática (ARISTÓTELES, 2002, p. 15).

Embora não seja, nas palavras de Heidegger, a única constatação da origem da filosofia para os filósofos supracitados, não há como negar que o espanto, alicerce para a reflexão inicial do filósofo, é ponto de convergência para a construção de nossa ponte dialógica, amparado na potencialidade interpretativa, para se chegar ao binômio Filosofia-Literatura .

A literatura permite ao leitor chegar às vias do espanto, da admiração, como acontece no filosofar. Evidentemente, os caminhos que se cruzam entre Filosofia e Literatura levam a rumos distintos, porém bem idênticos e propícios ao encontro. O *thaumázēin*, enquanto espanto e capacidade admirativa, é ponte construída com vistas ao diálogo em questão. Bornheim corrobora o fato de que Filosofia e Literatura partem dessa capacidade humana de se espantar e admirar pelas coisas à sua volta:

Pode-se dizer que filosofia e poesia partem da admiração, ou da admiração contrariada, o que é o mesmo. Pode-se dizer também que ambas vivem da pergunta. Mas o filósofo busca, de alguma maneira, a resposta, o que não acontece com a pergunta poética: o poeta responde às coisas, no sentido de que as espasa, antes de toda pergunta filosoficamente entendida. Para o pensador, a pergunta surge, já no seu ponto de partida, como que “perturbada” pelo espírito crítico inerente à atividade filosófica. Por aí já se percebe que precisamente aquilo que se aproxima poesia e filosofia coincide com aquilo que se separa (BORNHEIM, 2001, p. 67).

A Filosofia indaga, problematiza, causa polêmica... A literatura, por sua vez, re-cria problemáticas, reflexões, situações em torno de um tema mediante a plurissignificação da

linguagem. Ambas surgem da admiração (espanto) no ser do leitor. Filosofia e Literatura, braços de um mesmo rio que faz fluir o ato de refletir criticamente, tendo como *arabé* o espanto, a admiração.

A análise das relações homem e mundo escapa à filosofia rigidamente sistematizada em conceitos inteiramente abstratos. Para uma expressão concreta e total do homem em essência e existência a conjunção filosofia e literatura é uma necessidade inevitável. Desde o momento em que a literatura abandonou suas tradicionais fórmulas de expressar o homem, analisando simplesmente o que ele é, ou como ele é, para interrogar o porquê e o para quê, deixou ela de ser unicamente uma arte de deleite, uma arte de contar histórias, para ser uma arte metafísica que se propõe não somente explicar o universo e descobrir suas condições e possibilidades, mas formular uma experiência do mundo, um contato com o cosmos e com o homem ontologicamente diferenciados e inseridos no complexo dos problemas da existência. Para Merleau-Ponty, a partir deste momento, “a tarefa da literatura e da filosofia já não podem andar separadas” (FERNANDES, 1986, p. 25).

Ademais, a arte literária oferece ao leitor um vasto mundo interpretativo do qual se pode retirar uma re-leitura relativa à reflexão filosófica. Neste contexto, há de se valorizar o espanto como elemento propulsor para se estabelecer a díade Filosofia/Literatura. Um exemplo típico se encontra na poesia. Basta citarmos Carlos Drummond de Andrade com seus poemas abertos à múltipla interpretação, seja do ponto de vista do Existencialismo, seja a partir da problemática de sua época. Os poemas drummondianos instauram questionamentos acerca da existência-humana-no-mundo em bases antropológico-filosóficas. As obras *Sentimento do mundo*, *A vida passada a limpo*, *A rosa do povo*, e o espetacular poema “No meio do caminho”, da obra *Alguma poesia*, contêm traços existencialistas de uma preocupação com o destino do homem, enquanto ser-no-mundo aos moldes da filosofia de Heidegger e Sartre. E não para por aí. Muitos outros escritores elaboraram a sua arte literária expandindo em suas obras o diálogo com a filosofia. Vale mencionar dentre outros: Graciliano Ramos com o seus personagens emblemáticos como Fabiano, em *Vidas Secas*, uma personagem sem linguagem, alienada

à sua condição subumana, o que nos remonta à problemática no âmbito da antropologia filosófica; ainda em Graciliano Ramos encontramos, na obra *Angústia*, o sentimento de angústia instaurado na psique da personagem protagonista, um sentimento que nos leva inevitavelmente a dialogar com a categoria filosófica de angústia em Heidegger.

Assim, o leitor, recriador de uma leitura inovadora da poesia, passa a ter papel fundamental na interpretação nova do texto literário. Surge nesse sentido um novo texto em função da “morte do autor”¹: o do leitor hermenêuta, que com sua perspicácia no ato de ler e interpretar recria novas realidades aparentemente ficcionais, imbuídas de caráter crítico-reflexivo.

De fato, Filosofia e Literatura se relacionam no habitar comum: a linguagem, provocando o enriquecimento da crítica-reflexiva do texto que re-dimensiona a condição do Ser-humano-no-mundo.

Mas pelo fato de a poesia, em comparação com o pensamento, estar de modo bem diverso e privilegiado a serviço da linguagem, nosso encontro que medita sobre a filosofia é necessariamente levado a discutir a relação entre pensar e poeitar. Entre ambos, pensar e poeitar, impera um oculto parentesco porque ambos, a serviço da linguagem, intervêm por ela e por ela se sacrificam. Entre ambos, entretanto, se abre ao mesmo tempo um abismo, pois “moram nas montanhas mais separadas” (HEIDEGGER, 1989, p. 23).

Ademais, a dialogicidade entre filosofia e literatura deve estar permeada de uma abertura multissignificativa da interpretação leitor-autor, ao se admirar com o “escutar” das palavras da obra literária, abarcando toda potencialidade de um diálogo entre filosofia e literatura, o que nos permite adentrar nos fenômenos velados da linguagem tanto filosófica como literária, respeitando evidentemente a história dos efeitos do texto. Todo texto é potencialmente repleto de originalidades interpretativas.

¹ Expressão utilizada pelo estudioso R. Barthes. Segundo este teórico, o leitor possui autonomia para re-criar a obra literária e dar um novo impulso à compreensão do discurso poético. Contudo, faz-se necessário que o autor dê espaço ao surgimento do leitor-autor que, a partir de interpretação original, “redigirá” um novo texto. Escreve Barthes (1988, p. 53): “o nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do Autor”.

O *thaumazein*, capacidade admirativa do filosofar, impulsiona o homem a interpretar e compreender o seu enigmático Ser. É que o espanto (admiração) fustiga o homem a indagar sobre a sua realidade circundante, visando ao cumprimento de seu projeto existencial: Des-velar o Ser e conhecer a sua autêntica existência. Dentro dessa linha, o *thau*ma é elo que une dialogicamente a Filosofia e a Literatura, propiciando ao leitor-hermeneuta um horizonte amplo de interpretações possíveis, alicerçadas na historicidade. O Homem admirativo consegue visualizar uma realidade sempre motivadora à sua potencialidade crítico-reflexiva. Torna-se sujeito reflexivo acerca de si mesmo e do Cosmos que se lhe apresenta.

A Literatura, entendida não como uma simples ficção, propicia ao leitor-hermeneuta uma compreensão e re-leitura de mundo que ultrapassa o dado gráfico de imagens e signos do papel concreto; chega ao mais profundo recôndito da linguagem multissignificativa. Assim, descortinam-se variados espaços à espera de um diálogo da obra de arte literária com a Filosofia, oferecendo ao leitor condições reflexivas e elementos propiciadores de uma re-criação interpretativa coerente com a historicidade interpretativa do texto literário.

DIALOGUE BETWEEN PHILOSOPHY AND LITERATURE FROM THAUMAZEIN

ABSTRACT: The possibility of a dialogue between Philosophy and Literature occurs considerably in language. Philosophy and literature open themselves in a perspective directed to a critical and reflective reader in his/her search for the disclosure of the truth provided by them both. Thus, the *thaumazein* (to be amazed, marveled) appears as a bridge connecting the two areas of human knowledge, separated, as stressed by Heidegger (1989), by an abyss, but which look at each other face to face in a vision of interpretation of being in the world. The origins of both Philosophy and Literature mark this dialogue. Both arise from amazement and admiration, enchantment sources with the spectacle of the ones that are presented before our eyes. The crossroads between Philosophy and Literature lead us to different directions, but identical and conducive to meeting. The poet and the philosopher, language lovers, tread the same paths through the unknown world of phenomena to be unveiled by the being.

KEYWORDS: Philosophy; Hermeneutics; Language; Literature; *Thaumazein*.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

_____. *Metafísica*. Vol II. Trad. Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2002.

BARTHES, R. *Da obra ao texto – A morte do Autor*. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BORNHEIM, G. *Metafísica e finitude*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BURGESS, Anthony. *A literatura inglesa*. Trad. João Domingues Maia. 2 ed., São Paulo: Ática, 1999.

CASTRO, M. A. Natureza do fenômeno literário. In: SAMUEL, R. *Manual de teoria literária*. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1995.

FERNANDES, José de. *O Existencialismo na Ficção Brasileira*. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1986.

HEIDEGGER, M. *Que é isto- a filosofia?* Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1989. Col. Os Pensadores.

IGLEZIAS, M. O que é filosofia e para que serve. In: REZENDE, A. *Curso de Filosofia*. 10 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

MONDIM, Battista. *Curso de Filosofia*. 2 ed . Vol I. São Paulo: Paulinas, 1983.

PLATÃO. *Teeteto*. Belém: Editora Universitária UFPA, 2001.

POUND, Ezra. *Abc da literatura*. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes, 9 ed., São Paulo: Cultrix, 1999.

RUSS, Jacqueline. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Scipione, 1994.

TELES, A.X. *Introdução ao estudo de filosofia*. São Paulo: Ática, 1986.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1979.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. 2 ed., Lisboa: Publicações Europa-América, 1955.

*Recebido em 25/11/2015.
Aprovado em 03/02/2016.*